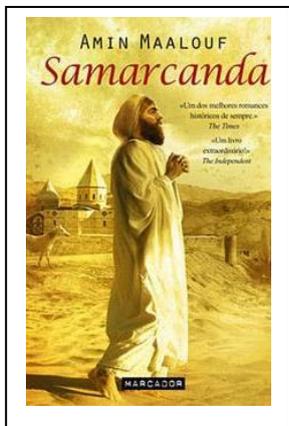


## [Samarcanda] [Amin Maalouf]



### [Amin Maalouf] Biografia:

Amin Maalouf (Beirute, 25 de fevereiro de 1949) é um escritor libano-francês. Radicado em França desde 1976, os seus livros são em geral romances históricos, ambientados no Oriente Médio, África e Mediterrâneo. Maalouf trabalhou como diretor do jornal sediado em Beirute, An-Nahar, até ao começo da Guerra Civil Libanesa, em 1975, quando se mudou para Paris, que se tornaria sua residência permanente. O seu primeiro livro, *As Cruzadas vistas pelos árabes*, analisa o período das cruzadas com base em fontes árabes. Além de trabalhos de não-ficção, Maalouf escreveu inúmeros livros e composições. Seu livro *Un fauteuil sur la Seine* reconta brevemente as vidas daqueles que lhe precederam na Academia Francesa. O autor multipremiado já teve sua obra traduzida para mais de 40 idiomas. Entre seus trabalhos de não-ficção, o livro *As Cruzadas vistas pelos árabes* (1983) é o mais conhecido. Pelo seu livro *The Rock of Tanios* (1993) ele recebeu o Prémio Goncourt, bem como o Prémio Príncipe das Astúrias em 2010 pelo conjunto da obra. É membro da Academia Francesa desde 2011.



### Sinopse de [Samarcanda]

Escrito no estilo colorido e poético dos velhos contos orientais, eis-nos perante um romance que é ao mesmo tempo uma apaixonada meditação sobre a verdadeira essência da Pérsia, aqui abordada sucessivamente em dois períodos cruciais da sua história: A dominação da dinastia turcomana dos Seljúcidas, nos séculos XI e XII. O dealbar do século XX em que despontam os anseios de reformas democráticas e de emancipação patriótica. Na primeira parte, assistimos ao desabrochar do génio de Omar Khayyam, poeta, filósofo, matemático e astrónomo, em cujo livro de quadras, os *Robaiyat*, se espelha e refugia a natureza profunda da Pérsia, dilacerada entre o jugo do invasor e o fanatismo de um dos mais radicais avatares do xiismo, então nascente com autêntica feição nacional: a seita dos Assassinos. Na segunda parte, redigida num tom onde a ironia se casa frequentemente com a amargura, narram-se as tentativas de afirmação nacional e democrática do povo persa, agora, no começo do século XX, sob o mando absoluto da dinastia autóctone dos Cajaros, aliada às potências europeias, mormente a Rússia e a Inglaterra. Tentativas frustradas, porquanto norteadas por valores ocidentais, de cunho excessivamente nacionalista e empírico, alheios à tradição espiritual persa. (...) *Samarcanda* é a aventura de um manuscrito nascido no século XI, perdido por ocasião das invasões mongóis e reencontrado seis séculos mais tarde. Uma vez mais, conduzindo-nos pela Rota da Seda através das mais fascinantes urbes da Ásia, Amin Maalouf deslumbra-nos com o seu extraordinário talento de narrador. (Abigai, Anabela Lima – Blog Clube de Leitura)

## Amin Maalouf : "O mundo precisa de coexistência harmoniosa mas não caminhamos nessa direção"

*O escritor e ensaísta Amin Maalouf, vencedor do Prémio Gulbenkian 2019, manifesta uma profunda "inquietação" pela atual situação mundial, onde deixou de existir "credibilidade moral", e fala da urgente necessidade de "repensar" a questão da identidade.*



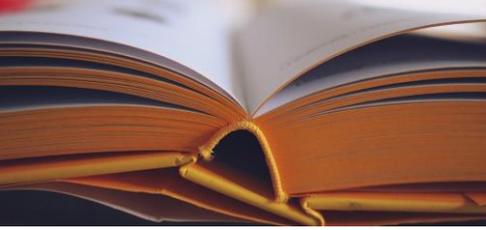
**Amin Maalouf recebeu o Prémio Calouste Gulbenkian 2019**

© Manuel de Almeida/ Lusa DN/ Lusa

**20 Julho 2019 – 11:24**

"Não é uma questão simples. Não há uma solução milagrosa, estamos num mundo que atravessa um momento extremamente delicado, na minha perspetiva uma das coisas essenciais reside na necessidade de repensar a questão da identidade", afirmou Amin Maalouf, em entrevista à Lusa na sede da Fundação Gulbenkian, em Lisboa, onde na sexta-feira recebeu o Prémio Calouste Gulbenkian 2019 por um júri presidido por Jorge Sampaio e também justificado pela sua "promoção ativa da fluidez cultural".

Natural de Beirute, no Líbano, Amin Maalouf, de 70 anos, tem dupla nacionalidade libanesa e francesa e é apontado como um dos mais empenhados intelectuais na busca de um novo caminho de convivência multiétnica, multirreligiosa, multicultural. No seu recente ensaio *O Naufrágio das Civilizações* (2019), vários anos após *As Identidades Assassinas* (1998), retoma a abordagem das diversas derivas e feridas do mundo presente, e deteta uma relação de "causa-efeito" entre o naufrágio do



Levante, a região do Mediterrâneo Oriental, do Médio Oriente, e o naufrágio de outras civilizações.

"Temos necessidade de mudar a atitude que consiste em resumir a identidade de uma pessoa a um aspeto, seja religioso, nacional ou outro, e é necessário ajudar as pessoas a assumir o conjunto da sua identidade, o conjunto da sua pertença. Quando algumas pessoas têm uma pátria de origem e uma pátria de acolhimento, é necessário que possam assumir plenamente a sua pertença às duas", assinala o autor de *As Cruzadas Vistas pelos Árabes* (1983) e *Leão, o Africano* (1986).

**Temos de mudar a atitude que consiste em resumir a identidade de uma pessoa a um aspeto, seja religioso, nacional ou outro, e é necessário ajudar as pessoas a assumir o conjunto da sua identidade, da sua pertença.**

O escritor, vencedor do Prémio Gouncourt em 1993 pelo seu livro *O Rochedo de Tanios* e que foi eleito para a Academia Francesa em 2011, sublinha o "importante trabalho a fazer para garantir uma coexistência harmoniosa", que considera "o grande projeto" da época atual. "Mas tenho a impressão que não fizemos o suficiente por isso", ressaltou. A "má gestão" das questões em torno das identidades, em particular na região do Mediterrâneo Oriental, continua a manifestar-se, apesar de recordar que o século XX foi "desastroso" desse ponto de vista.

### **EUA e Europa falharam na criação de uma nova ordem mundial**

Na sua inquietação, Maalouf depara-se hoje com uma época de imensos sucessos, mas também de profundos fracassos, de uma ordem internacional em colapso, de um mundo árabe que atravessa um dos momentos mais negros da sua história, da grande potência ocidental que perdeu a autoridade moral. "Existem relações muito pouco saudáveis entre diversas partes do mundo, estamos num mundo que precisa de coexistência, de uma gestão serena das identidades, e não caminhamos nessa direção", sublinhou.

"Um aspeto inquietante é que há 30 anos, no momento da queda do Muro de Berlim, esperávamos que surgisse uma nova ordem internacional, de uma forma ou outra. E de facto, não ocorreu", diz. O período que coincidiu com o final da Guerra Fria foi um momento decisivo, mas que se revelou um equívoco, considera o autor. "Não quer dizer que a ordem da Guerra Fria era uma boa coisa. Mas no final da Guerra Fria houve um momento onde algo poderia ter sido estabelecido. Desperdiçámos essa ocasião. Direi que, nesse plano, nessa questão precisa, os primeiros responsáveis são os Estados Unidos, porque tinham a iniciativa", argumenta. "Eram a primeira potência, tinham uma liderança reconhecida por todo o mundo, mas julgo que faltou um dirigente americano de alto nível que tivesse visão e fundasse uma nova ordem (...) penso que nos últimos 30 anos a América não teve um grande homem que pudesse desempenhar esse papel", considera.



*O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, entrega o prémio ao escritor Amin Maalouf*

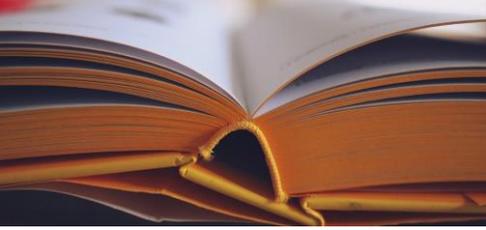
© Manuel de Almeida/ Lusa

"Se a Europa tivesse conseguido construir uma identidade europeia, forte, talvez conseguisse substituir a função dos Estados Unidos e dirigir os EUA para uma certa direção. Sou um fervoroso europeu e estou um pouco triste porque tenha a impressão de que desperdiçámos inúmeras ocasiões, e que a Europa atravessa hoje uma crise importante", acrescenta.

### **Mundo árabe atravessa um "período sombrio"**

"O mundo árabe atravessa um período muito mais sombrio. Quando falo do problema americano, é um problema de atitude estratégica, quando me refiro à Europa digo que o que foi feito foi bem feito, mas poderia ter-se feito melhor. Quando falo do mundo em que nasci é muito mais grave, permanecemos numa grande crise histórica que se prolonga há décadas, que provavelmente ainda vai durar algumas décadas, e da qual ninguém sabe como sair", assinala. Um período "sombrio", com dirigentes sem garantirem a confiança dos seus povos, onde as instituições democráticas funcionam em poucas regiões, onde prevalecem "fenómenos estranhos de violência e barbárie em certos países".

Amin Maalouf compara estes tempos sombrios no seu Levante natal com uma Europa onde muitas sociedades caminham para "atitudes muito mais identitárias", numa deriva conduz a "desnaturar um pouco" os instrumentos modernos da tecnologia. "Quer dizer, estamos num mundo onde procuramos constantemente a proteção, porque temos medo, temos medo da violência, da imigração, de muitas coisas. E o



facto de termos medo implica que as tecnologias se tornem cada vez mais invasoras, e com uma tendência em restringir cada vez mais a liberdade", lamenta.

E o medo, que passou a assolar tantos países e tantas populações europeias, diz ser proveniente da sua região. "É de lá que vem o medo que perturba muitas sociedades através do mundo, da Europa à Índia e aos Estados Unidos". O "naufrágio" da sua região, que pode conduzir a outros naufrágios.

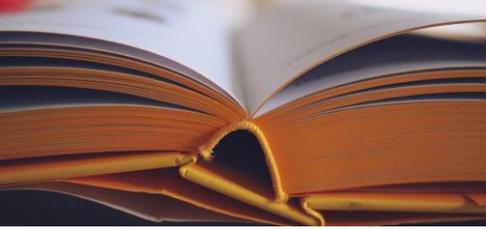
**Já ninguém possui uma verdadeira credibilidade moral. Nem pessoas, nem instituições, nem referências morais, estamos numa época em que tudo é posto em causa.**

"Penso que a Europa tem uma responsabilidade, como os Estados Unidos ou a Rússia têm uma responsabilidade. Mas diria que, antes de tudo, são os dirigentes dos próprios países que têm a principal responsabilidade", defende. "Estamos num período de repressão onde existe muito pouca democracia e na maioria dos países da região, incluindo o Egito, é óbvio que não estamos num período de democracia e liberdade, existe um retrocesso no Egito, na Síria. Da Líbia não diria um retrocesso, mas passámos de um sistema completamente aberrante para uma situação que não é melhor...", conclui.

**"Temos necessidade de lucidez"**

Lucidez é uma palavra muito presente no seu amplo vocabulário: "Temos necessidade de lucidez, frequentemente somos regidos seja por preconceitos seja por bons sentimentos... Penso ser necessário ver o mundo tal qual ele é, tentar compreender os mecanismos do problema, e tentar verdadeiramente resolvê-los", sugeriu.

"O que me perturba sempre, e trata-se de uma característica da nossa época, é que falamos muito dos grandes problemas e temos a impressão de resolvê-los porque falámos deles. É verdade para o clima, é verdade para outras situações, falamos, os problemas estão presentes, agravam-se de uma década para a seguinte e não fazemos nada de decisivo para terminar com essa deriva", acentuou. E conclui: "Já ninguém possui uma verdadeira credibilidade moral. Nem pessoas, nem instituições, nem referências morais, estamos numa época em que tudo é posto em causa, tudo parece em vias de perder a sua capacidade de exercer uma autoridade moral. Vai da Casa Branca ao Vaticano, por todo o lado as instituições estão em profunda crise e cuja credibilidade foi abalada".



## Samarcanda: uma viagem poética pelo Oriente Médio

Publicado por Gabriel Pinheiro | Colunista de Literatura | @tgpgabriel | Colunista do Culturadoria, em 6 de maio de 2022 às 09:15

***O narrador de "Samarcanda", romance histórico do libanês Amin Maalouf, dá início ao livro relembrando um acontecimento singular.***

Por Gabriel Pinheiro | [Colunista de Literatura](#)

Na madrugada de 14 para 15 de abril de 1912, o Titanic afundou. Segundo o narrador, a mais ilustre das vítimas foi um livro. No caso, o exemplar original do "*Rubaiyat*", volume com versos do persa Omar Khayyam. Poeta, cientista e astrônomo, foi uma das figuras-chave da cultura oriental em toda a história.

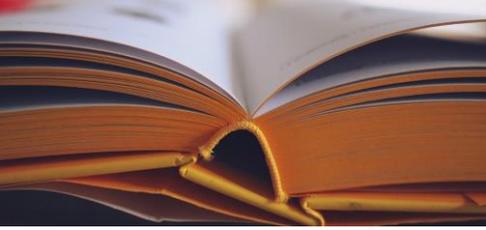
A partir daí, Amin Maalouf se debruça sobre a história da obra-prima de Omar Khayyam. Sendo assim, fabula acerca de processo de escrita, iniciado em 1072, e o fascínio gerado pelo "*Rubaiyat*" ao longo dos séculos. Khayyam é o protagonista da primeira metade do livro. A segunda tem como foco a busca obsessiva do acadêmico estadunidense Benjamin Omar Lesage pelos escritos do poeta persa. Isso na virada do século XIX para o XX. A tradução é de *Marília Scalzo*.

"*Samarcanda*" é lançado pela Editora Tabla, dedicada à publicação de livros referentes às culturas do Oriente Médio e do Norte da África

### Os rubais de Omar Khayyam

Omar Khayyam começa a escrever *rubais* (uma forma poética em quatro versos) ao adentrar a cidade de Samarcanda, "*a mais bela face que a Terra já mostrou ao Sol*". Ao presenciar ali, em uma feira ao ar livre, uma cena de violência, o jovem persa intervém, tornando-se ele próprio alvo da turba furiosa. Khayyam já era, então, conhecido por seus versos: não escritos e registrados em papel, mas declamados em voz alta. Versos sobre a beleza e o prazer da vida – um de seus temas primordiais era o vinho. Para a multidão, ele era um "*filassuf*" (filósofo), aquele que se interessa pelas ciências profanas, em detrimento da religião.

Ao ser entregue para o juiz da cidade – que descobre ser admirador – Omar recebe não uma punição. Ganha um livro em branco, com a promessa de que seus versos serão, a partir de então, registrados ali. Assim nasce o "*Rubaiyat*" (coleção de quartetos) de Khayyam. "*Guarde esse livro. Cada vez que um verso tomar forma em sua mente, que se aproximar de seus*



*lábios, procurando sair, reprima-o sem dó; em vez de recitá-lo, escreva-o nessa folhas, que guardarão o segredo.”*

### **Narrativa povoada por personagens históricos**

A narrativa de “*Samarcanda*” acompanha, então, a peregrinação de Omar Khayyam pelo Oriente Médio e pela Ásia Central. Enquanto registra versos, o poeta se encontra e se relaciona com diferentes personagens históricos. Ou seja, tem o fundador da *Ordem de Assassinos* (espécie de seita precursora do terrorismo), Hassan Sabbah, e o vizir do império turco-persa, Nizam Al-Mulk. A sabedoria dele o colocava como figura de proeminência em diferentes esferas políticas na região, apesar de seu pouco interesse pelo poder. Mas é na corte que ele conhece Djahane, dando início a uma paixão intensa e inesquecível. A personagem tem uma construção interessantíssima, de espírito livre e opiniões marcantes, a frente de seu tempo – sobretudo ao pensarmos na época e lugar onde a narrativa se insere.

Muitos séculos depois, encontramos o norte-americano Benjamin Omar Lesage. O *rubais* de Khayyam alcançam o imaginário do ocidente graças à tradução para o inglês de Edward Fitzgerald. Mas o manuscrito original do “*Rubaiyat*” é dado como desaparecido. Ao receber uma pista sobre o suposto paradeiro do livro, Lesage parte para o oriente. Assim, percorre caminhos com diversas interseções com aqueles trilhados por Omar Khayyam no passado. “*Há anos, desde que soube de sua existência, vivi só para o livro, que me conduziu de aventura em aventura, seu mundo tornou-se o meu*”.

### **Espelamentos entre passado e presente**

Separados por oito séculos, é muito interessante como a narrativa constrói espelamentos entre as duas figuras e aqueles com os quais eles se encontram em seus próprios caminhos. Lesage também se vê inserido em ambientes de fortes agitações políticas, sendo testemunha de golpes e reviravoltas na busca pelo poder. Tendo uma importante carreira como jornalista, o autor Amin Maalouf tem um olhar dedicado para geopolítica do Oriente Médio. Deste modo, exp, expondo os conflitos de interesse internos e a forte influência externa de potências estrangeiras na região, como a Rússia e a Inglaterra, na passagem do século XIX para o XX.

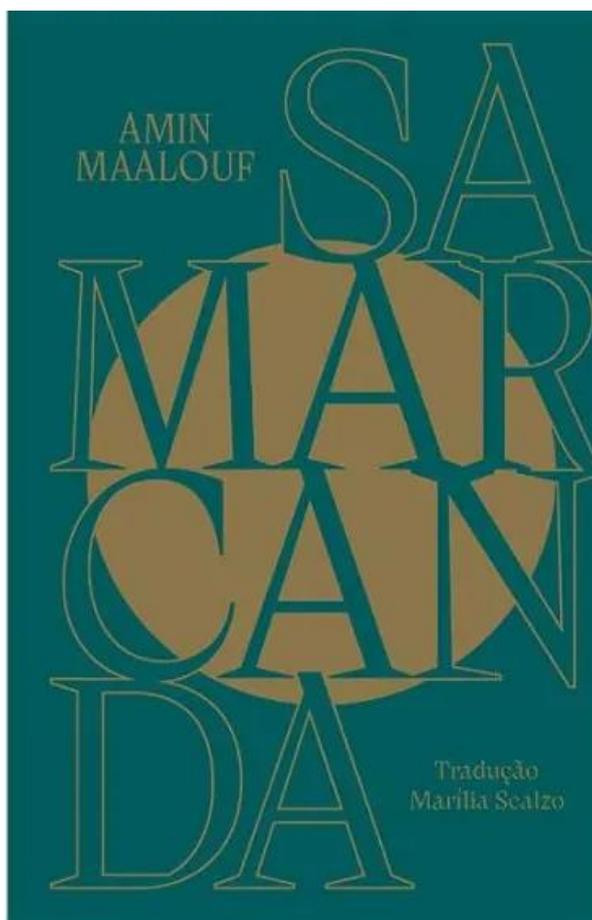
### **Fábulas**

Uma das muitas belezas de “*Samarcanda*” está no caráter fabulador de Amin Maalouf, onde fatos e personagens reais se relacionam com acontecimentos e sujeitos ficcionais. Ao trazer para a narrativa estas figuras históricas, o autor libanês dá vida e profundidade às trajetórias por meio da ficção. Se a realidade, muitas vezes, não dá conta de alcançar todos os mistérios que recobrem uma existência, cabe à ficção o poder extraordinário de alcançá-los.

Mistérios, inclusive, cercam a própria existência de Omar Khayyam e de seus versos. Há a desconfiança de que muitos do *rubais* creditados à ele foram escritos por outros poetas. Inclusive pelo próprio tradutor para o inglês, Edward Fitzgerald – cujas traduções tornaram Khayyam um fenômeno no ocidente.

"*Samarcanda*" é uma das leituras mais encantadoras que realizei em tempos recentes. Com uma prosa fortemente poética, Amin Maalouf mergulha o leitor numa vertiginosa viagem que atravessa séculos. Está atento à cultura e à geopolítica do Oriente, em um olhar que foge da condescendência e do exotismo.

Se, no fim, o "*Rubaiyat*" mergulha em direção ao fundo do oceano atlântico a bordo do Titanic, "*Samarcanda*" mergulha fundo naquele leitor que tem a sorte de encontrar nas preciosas páginas.



Capa do livro *Samarcanda*. Editora Tabla

Gabriel Pinheiro é jornalista e produtor cultural, sempre gasta metade do seu horário de almoço lendo um livro. Seu Instagram é @tgpgabriel (<https://www.instagram.com/tgpgabriel/>)



Amin Maaluf. Foto: © Editorial Alliance

## O naufrágio das civilizações

### *Maaluf investiga as causas da atual crise mundial*

Por [Branco Benigno](#) 28 de setembro de 2020 (Nueva Revista)

Nesta obra - deliciosamente escrita, como todas as de Maaluf –o escritor libanês, radicado em França desde os anos setenta do século passado, realiza uma espécie de autobiografia que se converte numa história do mundo desde o de nascimento do autor (1949 ) até a atualidade. O livro mostra a qualidade literária do grande romancista, a perspicácia do jornalista, a força do observador de primeira mão e a reflexividade do pensador com profundidade. Ao mesmo tempo, acho que isso pesa na análise de Maaluf sobre nosso tempo. O peso excessivo da experiência pessoal do autor na identificação e avaliação dos fatores determinantes da atual crise da civilização.

Maaluf nasceu no Líbano numa família cristã emigrada do Egito quando este país começou a sua transformação num país intolerante a partir da agitação social que levou à ascensão do poder por Nasser em 1952. Maaluf viveu a mesma experiência no seu país que foi transformado da “Suíça do Oriente Médio” – como o Líbano era conhecido em certa época por integrar de forma amigável e pacífica diversas raças, línguas e religiões – no atual estado falido, dividido em facções guerreiras colonizadas por outros países e submetidas aos levantes e baixas de interesses de guerra estrangeiros.



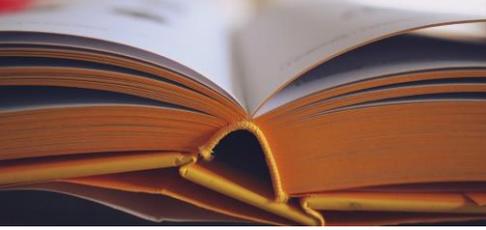
### **Amin Maaluf: "O naufrágio das civilizações"**

Em *O naufrágio das civilizações*, Maaluf assume que o fracasso do que ele chama de "sociedades ou civilizações levantinas" (ou seja, do território cultural e político em que viveu quando jovem) é a origem e o paradigma da atual crise de civilização que afeta o mundo inteiro. Segundo sua percepção, o mundo árabe de sua juventude - cosmopolita, aberto - cedeu à tentação da intolerância e do fanatismo e assim gerou forças destruidoras de todas as civilizações (há o terrorismo islâmico como exemplo dramático nacionalismo identitário, etc).

*O mundo árabe cedeu à tentação da intolerância e do fanatismo e é, segundo o autor, um precedente de fenômenos que hoje podem ser vistos em escala universal*

Essas teses não são novas para Maaluf. Elas respondem às preocupações habituais nele por décadas. Já na sua obra *Identidades Assassinas*, de 1998, ele reflete essas mesmas ideias que, por outro lado, sempre estiveram presentes em sua produção literária. Os personagens e situações das obras que li de Maaluf (*Leon o Africano*, *The Rock of Tanios*, *Samarkand*) refletem histórias e ambientes de pessoas que constroem suas vidas acima de suas identidades originais por razões de religião, país, raça ou idioma.

O livro começa e termina por evocar a ideia do naufrágio: "a imagem que me obceca há alguns anos é a de um naufrágio" (p. 13) afirma no prólogo. E no epílogo (p. 275) ele nos conta como conclusão do livro: "Como seria triste se o transatlântico dos homens continuasse navegando para sua perdição, inconsciente do perigo, convencido de ser indestrutível, como o Titanic há muito tempo, antes de afundar, ...".



Nos dois primeiros capítulos (até a página 140) a história está praticamente confinada ao Egito e ao Líbano e – em geral – ao mundo árabe muçulmano do Oriente Médio. É nesse mundo limitado e nesse tempo específico que o autor vê o naufrágio de uma civilização devido à exaltação partidária de diferentes identidades (religiosas, étnicas e culturais). O caso do Líbano, sua pátria, torna-se paradigmático para ele e ele o extrapola para o diagnóstico posterior do que está acontecendo no mundo hoje. Esta é a parte mais autobiográfica da obra e talvez também a mais interessante, pois mostra como Maaluf Ela molda sua visão do mundo e da história. Estamos diante de um exemplo significativo de como todo observador da história é tributário de sua biografia pessoal e de seu tempo, com as luzes e sombras de um e de outro. Maaluf tem a honestidade intelectual de nos mostrar seu condicionamento analítico, algo que não é muito frequente em outros autores que podem vender seus preconceitos subjetivos como se fossem provas incontestáveis e também sem explicar tais preconceitos .

No final do capítulo I (pp. 73-74), Maaluf confessa de forma transparente seus preconceitos biográficos na análise dos eventos atuais em nosso mundo com as seguintes palavras:

*“Tenho razão quando dou tanta importância à minha região natal, às suas peculiaridades sociológicas e às tragédias que a enlutaram?”*

*O que me leva a fazer isso é que a turbulência no mundo árabe muçulmano se tornou nos últimos anos uma fonte de angústia predominante para toda a humanidade. É evidente que algo grave e até inédito aconteceu naquela região e contribuiu para perturbar nosso mundo e desviá-lo do caminho que deveria ter sido o seu .*

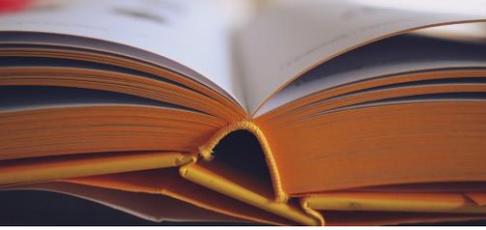
*Terei a oportunidade de voltar mais de uma vez a essa questão que me obceca e é o cerne deste livro”*

Como confessa o autor, a experiência de sua juventude “ o obceca e está no cerne ” da obra que comentamos. Por isso, acho conveniente refletir sobre essa obsessão que está no cerne de *O naufrágio das civilizações*.

A honestidade intelectual de Maaluf obriga seu leitor a se perguntar se as chaves de explicação de um tempo e de um lugar podem ser extrapoladas para outros lugares e tempos; isto é, se há espaço para *obsessões* ao abordar a história dos homens. E acho que não; porque a única chave permanente para tal história é a liberdade pessoal e isso, por definição, é imprevisível.

*Não há naufrágio possível que não seja evitável e Maalouf também concorda com isso e é por isso que ele escreve seu livro*

É claro que a liberdade humana como agente da história está condicionada por múltiplos fatores: cultura, tradições, língua, crenças, educação recebida, fé religiosa ou sua falta, genética, meio ambiente, patologias, médicas ou morais de cada um, as paixões, etc. Mas a liberdade é sempre onipresente: nas mesmas circunstâncias pode-se reagir como Caim ou como Abel, como Judas ou como Pedro , como covarde ou como herói, como abjeto ou como santo . Portanto, você sempre pode aprender



com o passado e com as experiências dos outros, mas eles não indicam o que vai acontecer ; porque na história humana -tanto na história pessoal de cada um como na história coletiva dos povos- o futuro está sempre em nossas mãos e não é pré - escrito .

Como Victor Frankl nos lembrou em *Man's Search for Meaning* , somos capazes de entrar no forno crematório de um campo de concentração nazista orando ou em desespero. Ninguém pode tirar essa liberdade suprema de nós. E pela mesma razão cada um de nós pode mudar o futuro presumivelmente anunciado pelos precedentes históricos de situações semelhantes ou pelo que aconteceu em outros lugares ou civilizações. O futuro está sempre em nossas mãos. Não há naufrágio possível que não seja evitável e Maaluf também é concorda com isso e é por isso que ele escreve seu livro: para nos alertar sobre o que leva ao naufrágio e nos dar a possibilidade de redirecionar nosso curso com base nessa informação.

Especificamente e como europeu, acho que Maaluf não valoriza o suficiente o que a força do humanismo e a liberdade que o cristianismo plantou em nossa consciência histórica pode significar para o nosso futuro próximo, por mais obscurecida e atacada que essa fonte de criatividade anti-naufrágio seja hoje . Também acredito que Maaluf subestima o potencial da sociedade americana de reviver e projetar no exterior seu amor constitutivo pela liberdade. E eu poderia citar muitos outros fatores potencialmente anti- naufrágio que estão plantados ao nosso redor e incorporados em muitos de nossos contemporâneos.

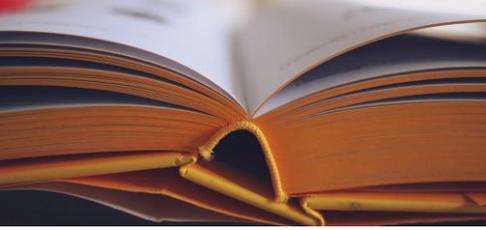
De qualquer forma, o futuro não está escrito. Nós mesmos escrevemos.

### **NOSSO MUNDO ATUAL VISTO POR MAALUF**

O terceiro capítulo (pp. 141 a 202) abre sua perspectiva para o mundo inteiro a partir de 1979 , data escolhida pelo autor como símbolo de mudança significativa manifestada por diversos fenômenos como o surgimento do conservadorismo Thatcher/Reagan, a eleição de John Paulo II, a revolução islâmica de Khomeini no Irã, a ascensão de Deng Xiaoping ao poder na China etc. O autor acredita reconhecer no mundo que esses eventos criam algo semelhante ao que o Líbano e o mundo muçulmano do Oriente Médio vivenciaram em geral nos anos anteriores. No quarto capítulo ( pp. 205 a 269) - sob o significativo título de "*Um mundo em decomposição*" - Maaluf expõe uma espécie de diagnóstico geral de nossos dias prenhes de *tristeza* como ele mesmo diz: decomposição, naufrágio , ... são suas palavras para descrever este tempo.

*Este é um resumo da tese do livro: "Nunca deixarei de me opor à ideia de que populações com línguas ou religiões diferentes fariam melhor se vivessem separadas umas das outras".*

Nas págs . 224-225 podemos encontrar um resumo da tese subjacente ao livro : « *Nunca deixarei de me opor à ideia de que as populações que têm línguas ou religiões diferentes fariam melhor em viver separadas umas das outras. Eu nunca vou admitir que etnia, religião ou raça são fundamentos legítimos para a construção de nações* .



Nas últimas páginas do livro, Maaluf analisa outros *tristes fatores* - segundo a terminologia do autor - do nosso tempo: a incapacidade dos EUA de liderar o mundo, o aparente fracasso da UE, a crise ecológica, a ameaça de robotização, etc.

A última parte do livro insiste nesse perigo: " *o que caracteriza a humanidade hoje não é uma tendência a se agrupar em grupos muito grandes, mas uma propensão à fragmentação, fracionamento e, muitas vezes, violência e acrimônia*" (p. 205); " *a tendência à fragmentação e ao tribalismo é comprovada em toda parte (...) há, em todas as nossas sociedades e também na humanidade como um todo, cada vez mais fatores que fragmentam e cada vez menos fatores que cimentam*" (p. 206); " *Tempestades de identidade envenenaram o meio ambiente de todo o planeta e de cada uma das sociedades*" (p. 218).

Além dessas críticas, Maaluf atribui outras a um liberalismo que desmonta o Estado e esquece o ideal de igualdade, a quem não tem consciência da gravidade da crise ecológica, etc. Mas o centro de gravidade de sua percepção do naufrágio iminente está na convicção de que todos estão cometendo o erro das cidades do Levante: dividindo-se em identidades mutuamente exclusivas em vez de construir uma identidade compartilhada com base na pluralidade.

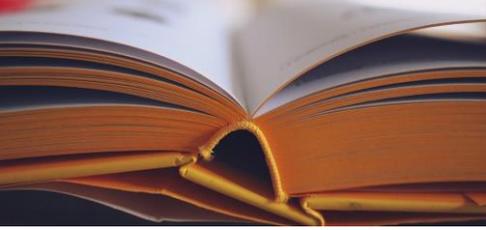
Em suma, o naufrágio que obceca Maaluf não é inevitável (como ele mesmo adverte), mas é verdade que é possível, se não aprendermos com a história que nos conta como pereceram aquelas "civilizações do Levante" que o autor nos apresenta como um "paraíso perdido".

### **LIÇÕES PARA UM CIDADÃO EUROPEU DE HOJE**

Como toda obra que busca explicar um período histórico complexo a partir de uma causa preponderante escolhida com base na experiência pessoal do autor, a análise de Maaluf padece de certo subjetivismo reducionista. Mesmo assim, acredito que a perspectiva e o olhar do autor sobre o nosso século passado são úteis para pensar o nosso mundo e acertam em muitas de suas avaliações. Pena sua obsessão com o *naufrágio* iminente; que se entende a partir da perspectiva particular e biográfica do autor, mas que talvez pudesse ser matizada com um olhar mais atento e aberto a outros aspectos, enquadramentos e ambientes geográficos e morais deste último século da nossa história comum.

### **Não é necessário ficar obcecado com o naufrágio, mas preveni-lo.**

A experiência de vida de Maaluf e as suas análises podem lançar luz significativa sobre qualquer europeu de hoje, pois é verdade que na Europa vivemos actualmente as tentações do que, segundo Maaluf, foi o destruidor das "civilizações do Levante": a conversão de identidades pessoais em exclusivismo identidade política. Recordemos o que ele nos diz nas pp. 224-225 desta obra: « *Nunca deixarei de me opor à ideia de que populações com línguas ou religiões diferentes fariam melhor se vivessem separadas umas das outras. Eu nunca vou admitir que etnia, religião ou raça são fundamentos legítimos para a construção de nações* ».



Subscribo esta afirmação do autor de *O naufrágio das civilizações* e vejo como perigo imediato para a Europa que as ideias que Maaluf rejeita na frase transcrita e que talvez constituam a essência da mensagem que o autor nos quer transmitir com o seu trabalho.

Para a Espanha, este livro tem uma leitura específica, pois somos uma nação construída sobre uma pluralidade de reinos e línguas que hoje pode ser tentada a se autodestruir devido à pretensão de alguns de transformar cada uma dessas identidades em um estado político. Identidade, adequações culturais e linguísticas que até agora nos permitiram ser uma nação plural. A Espanha hoje é um Estado organizado constitucionalmente na pluralidade e diversidade que está na raiz de nossa história comum. Se transformássemos essa riqueza em causa de divisão política, Maaluf estaria certo: o naufrágio seria inevitável e repetiríamos a triste experiência das "civilizações do Levante" cuja morte Maaluf lamenta em sua obra.

Para a Europa, a obra de Maaluf é um alerta de que por meio da fragmentação, do particularismo e do egoísmo identitário não se avança, mas se regride à barbárie e à violência.

Para todos nós, este livro é um convite a pensar que independentemente de sermos católicos, judeus ou muçulmanos, ateus ou religiosos, progressistas ou conservadores, ricos ou pobres,... compartilhamos muito. E que possamos priorizar o que compartilhamos –sem prejuízo da diversidade natural– sobre o que nos separa; e que esta é sempre uma solução melhor do que o contrário. Isso evita naufrágios.

## EL MUNDO

[LITERATURA](#) | Amin Maalouf, Prêmio Príncipe das Astúrias de Literatura

## O árabe eternamente exilado

Com fama de eremita meticuloso, o autor cresceu entre os livros e o jornalismo



*O escritor na Casa Árabe em Madrid | Xoubanova*

**Mônica G. Prieto | Beirute 06/09/2010 11:37**

Escritor no exílio, romancista eremita acostumado a se trancar durante meses para tecer seus livros, **vítima das dicotomias típicas do árabe residente na Europa** Amin Maalouf (Beirute, 1949) tem todos os requisitos para se tornar o autor atormentado clássico, mas desfruta de uma tarefa que encontrou após anos de busca interior, embora seus genes (uma **família dedicada à educação** e ao jornalismo) tenham marcado seu caminho.

Fugas e casas abandonadas marcaram a vida deste licenciado em Economia e Sociologia que, durante 12 anos, se dedicou à **reportagem internacional**. Sua família materna, originária da Turquia (de onde fugiu durante os massacres de 1915) **acabou se estabelecendo no Cairo**, cidade da qual também seriam obrigados a deixar na década de 1950, quando a febre nacionalista nasserista se concentrou nos não-egípcios.

Isso foi depois que Maalouf passou vários anos de sua infância no país dos faraós, onde não tem lembranças "exceto uma enorme frustração", como confidenciou ao seu **tradutor italiano Egi Volterrani** em uma longa conversa biográfica. "Minha condição de exílio] determina minha transição para a escrita. A **tinta, como o sangue, necessariamente escapa das feridas** "

### **Herança familiar**

Porque seu status de "estrangeiro irremediável" o perseguiria por toda a vida. Em Beirute, sua família se estabeleceu com algum sucesso. Seu pai, um conhecido jornalista, bisneto de um pregador presbiteriano, incutiu em seu filho **o amor pelas letras** ; de sua mãe herdou a educação francófona (em oposição à herança de seu pai) que facilitaria seu **exílio definitivo** e uma carreira no país de acolhimento ao longo dos anos.

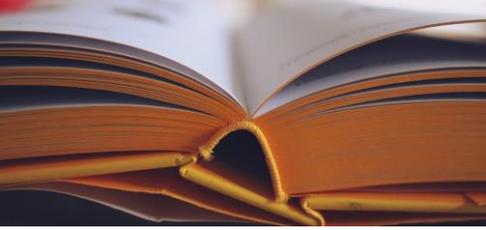
Quando tinha apenas seis anos, escreveu seu primeiro artigo, em árabe. Aos 16, todas as suas anotações eram em francês. "**O árabe era a minha língua social** [, o francês, ao contrário, era a língua das minhas notas íntimas, com o objetivo de permanecer escondida para sempre." Até que a guerra o levou a Paris, "**a minha linguagem secreta tornou-se a minha linguagem do dia-a-dia** ", recordou o autor.

Aconteceu quando ele tinha 27 anos, quando trabalhava como repórter de imprensa para as páginas de 'An Nahar'. Ele havia acabado de voltar de uma viagem à Ásia, que o levou ao escritório da então chefe do governo indiano, **Indira Ghandi** , ao Vietnã e Bangladesh, quando teve a rara e triste oportunidade de presenciar o desencadeamento de um evento histórico .

"Naquela época, eu morava com minha esposa e filho em um bairro popular da capital, Ain al-Rummaneh. Eu estava em casa há poucas horas quando ouvi uma briga de rua. Olhando pela janela do nosso quarto, vimos um ônibus parado em um cruzamento, com um homem discutindo vigorosamente com as pessoas dentro. **De repente, ouvimos tiros** . ["Quando eles pararam, olhamos novamente. Havia vários cadáveres na rua, vi sete ou oito, mas nos jornais falavam **em 26 mortos** ".

Foi o **ônibus com passageiros palestinos baleados** por falangistas cristãos em um incidente que desencadeou, pelo menos oficialmente, a guerra civil que sangrou o Líbano por 15 anos. Os bombardeios não demoraram a chegar. Maalouf refugiou-se com a família na casa do pai, nas montanhas libanesas, até que um ano depois decidiu começar uma nova vida em Paris.

### **seus primeiros trabalhos**



Lá ele começou a escrever um romance baseado na guerra, mas ambientado na **América Latina** : ele o abandonou quando tinha cem páginas. A sua inspiração literária levou-o a iniciar **livros que nunca terminou** , até que em 1981, uma conversa com um amigo despertou-lhe o interesse por um episódio histórico específico, **as Cruzadas** .

Contagiado pela curiosidade, passou a devorar dezenas de livros sobre o assunto e a pesquisar em **bibliotecas** documentos pouco conhecidos. Assinou com uma editora francesa um ensaio que ainda levaria um ano e meio para ver a luz e que se tornou um clássico contemporâneo: '**As Cruzadas, vistas pelos árabes**' .

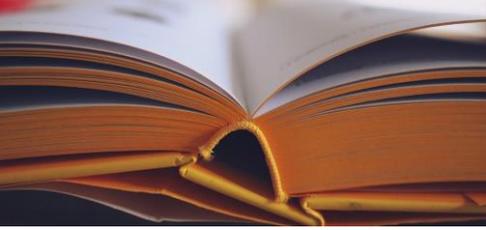
"Muitos leitores devem pensar que neste livro opus minha visão das Cruzadas, tal como aprendi na juventude, à visão ocidental, algo que obviamente não está de acordo com a realidade. Na escola em que estudei, dirigido por pais jesuítas, **aprendemos a história das Cruzadas segundo livros franceses** , com fortes conotações católicas; havia até uma espécie de grupo de jovens na escola comparável ao escotismo em que se ascendia à [categoria de] cruzado [" **A visão Eu estudei quando criança ele fez heróis dos cruzados** ."

A versão que ele adquiriu dos livros árabes sobre aquele período, que ainda hoje continua marcando o subconsciente da região e alimentando seu desconforto com as aventuras militares do Ocidente, indicava o contrário e assim ele narrou em seu primeiro trabalho. Três anos depois, ele começou seu segundo livro, '**León el Africano**' , um romance com conotações históricas no qual recuperou a ideia de seu ensaio. "Havia algo para contar sobre a **queda de Granada vista pelos árabes** ", explicava o autor, embora sua obra o ajudasse a encontrar seu novo caminho de vida. Ao chegar à página cem, despediu-se da Jeune Afrique, revista para a qual trabalhava, para se dedicar inteiramente à literatura. "Durante alguns meses **vivemos de nossas escassas economias**, mas felizmente foi um sucesso. Esse livro tomou um rumo aleatório na minha vida, possivelmente tão decisivo quanto minha partida do Líbano."

### **escritor disciplinado**

Depois de '**León el Africano**', **viriam 'Samarçanda' e 'Los Jardines de la Luz'** , romances que usam figuras históricas [tanto persas, não árabes] para se recriarem no orientalismo, tão desconhecido no Ocidente. '**O primeiro século depois de Beatriz**' aconteceu com eles .

Com o tempo, Amin Maalouf criou para si uma disciplina e um cenário: **uma casinha numa ilha atlântica onde se tranca vários meses** do ano para



escrever, sete dias por semana, dez horas por dia, como um eremita prolífico capaz de gerenciar vários romances ao mesmo tempo.

"Nos meus arquivos há constantemente quatro ou cinco livros parcialmente escritos. Alguns estão esperando há oito ou nove anos". A sua primeira obra, fruto de tal reclusão, recebeu o **Prêmio Goncourt**, o prêmio literário mais prestigioso da França. Era '**La Roca de Tanios**' (1992), inspirado na sua infância e no seu Líbano natal, embora não lidasse abertamente com seu passado até '**Las Escaleras de Levante**', seu próximo trabalho.

*"Em tudo que escrevo, tenho a sensação de realizar uma luta, minha luta, sempre a mesma. **Contra a discriminação, a exclusão, o obscurantismo, as identidades limitadas, a suposta guerra das civilizações e contra as perversões do mundo moderno, como o manipulações genéticas**".*

Essa luta interior unifica uma obra à qual devemos acrescentar '**Identities Aesinas**', ensaio publicado em 1996 antes de voltar aos romances com '**Las Escaleras de Levante**' (1996) e '**El Viaje de Badassare**', em 2000, a mesma em que surpreendeu o público e a crítica ao escrever um **libreto de ópera**, '**El amor de far**', aclamado pelo público. Sua bibliografia é completada por '**Orígenes**' (2004) e '**El desjustment del Mundo**', outro ensaio publicado no ano passado.